

SAFATLE, Vladimir. *Circuito dos Afetos: Corpos políticos, Desamparo, Fim do Indivíduo*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

Érico Andrade<sup>1</sup>

### Introdução

As linhas que se seguem neste texto têm a pretensão de promulgar a máxima de que uma boa obra de filosofia é sempre um convite a filosofar, a pensar com o filósofo, a partir dele e, claro, muitas vezes contra ele. Meu texto tenciona cumprir esse triplo aspecto da crítica filosófica, mas sem perder de vista aquilo a que se propõe a presente intervenção: permitir uma ampliação do debate do que o livro autoral do colega Safatle nos trás à tona de modo razoavelmente inédito, pelo menos, no Brasil, a saber: a questão dos afetos na sua relação com a política. Em particular dos afetos do medo, da esperança, e do desamparo. Assim, com intuito de dialogar com a obra *Circuito dos Afetos* em função dos três aspectos da crítica filosóficas é que me reservo a fazer os comentários que se seguem nas linhas desta resenha.

### Pensando com o *Circuito dos Afetos*

Se é verdade que a relação entre os afetos e o corpo político está presente na filosofia, pelo menos, desde a modernidade, mais particularmente na obra de Hobbes (SAFATLE, 2015, p.18), não menos verdade é que parte da crítica social se caracteriza muitas vezes por um déficit de afetividade para cuja supressão *Circuito dos Afetos* se apresenta como uma alternativa. A tese central do livro é que se explora o medo, vive-se o desamparo e se renega a esperança pela insistência num modelo absolutamente falido de política para cujo testemunho privilegiado podemos tomar o estado atual da política brasileira. O ponto central é que o medo está presente na lógica que governa a política pública cujo centro se coloca na proteção da propriedade, entendida, na referida obra, em função de sua caracterização lockeana. O estado obedece à lógica do medo e se transforma num calculador universal do medo. Assim, Safatle afirma que “o mais correto dizer que o Estado não se coloca como garantia da segurança, mas como gestor da insegurança social” (SAFATLE, 2015, p.142).

Se o pressuposto antropológico do capitalismo é o indivíduo, como célula constituinte da sociedade, é ele que será criticado no *Circuito dos Afetos*. Ou ainda, se a noção de propriedade, deriva, segundo Locke, da propriedade de si mesmo e pressupões esta propriedade de si, é ela que deve ser

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: [ericoandrade@gmail.com](mailto:ericoandrade@gmail.com)

atacada para a construção de uma nova política. Para isso, o *Circuito dos Afetos* opta por promover uma leitura lacaniana da filosofia de Hegel. A visita à obra de Hegel, mediada pela interpretação cristalizada na tradição de leitura francesa, faz parte deste plano. A criticada teleologia hegeliana é na verdade, segundo Safatle, uma seta do tempo para trás que conta uma narrativa possível da história a partir de uma costura racional dos fatos que ocorreram segundo uma lógica da plasticidade, da adequação e resignificação do acontecido. O propósito de Safatle é límpido e consiste em mostrar na história da filosofia a crítica ao indivíduo possuidor de si mesmo já estava sendo desenhada na obra de Hegel como contraponto à certa tradição burguesa.

A propriedade de si mesmo é a primeira fantasia do capitalismo. Nesses termos, o dialogo com Marx é para torná-lo aliado de Hegel no sentido de sustentar que se deve *despossuir* o indivíduo para se pensar novos horizontes para a política. A crítica marxista é renovada no *Circuito dos Afetos* que é capaz de recuperar na obra de Marx, mais precisamente na noção de classe, uma tentativa de combater o capitalismo a partir da compreensão da despossuição da sua célula mater: o indivíduo.

O grande erro que alimenta e sustenta a posição neoliberal é a noção de indivíduo que é tomada como a expressão de uma identidade pessoal capaz de filtrar, com pleno poder de escolha, aquilo que deve ou não ser objeto de seus atributos identitários. Ou seja, o indivíduo é tomado como uma mônada que abre confortavelmente a sua janela quando para incorporar atributos que apenas reforçam a sua identidade. A potencialização da escolha é inversamente proporcional ao reconhecimento do inconsciente e de todas as diretrizes sociais que subdeterminam as nossas escolhas. A autonomia centrada na noção de indivíduo desconsidera que não apenas a noção de indivíduo tem data, como ela precisa de uma construção ideológica que lhe suporte ou ainda, seguindo a leitura de Adorno proposta por Safatle: a identidade é a forma originária da ideologia (SAFATLE, 2015, p.234).

Sem dúvida, o *Circuito dos Afetos* tem a proeza em mostrar a base afetiva que sustenta, no sentido mesmo que mantém a existência, o capitalismo. Neste ponto ele continua, em certa medida, a tradição da escola de Frankfurt, balizada pela contribuição do pensamento francês pós-década de 50, no sentido de acentuar o caráter deficitário da antropologia neoliberal e a necessidade de uma nova política em que a noção neoliberal de indivíduo seja dissolvida.

### **Pensando a partir do Circuito dos Afetos**

Sobre o argumento do medo o estado libera a cidade para a construção de condomínios e edifícios que reforçam a noção de indivíduo enclausurado dentro de si mesmo. Construções que chamo de auto-referentes (ANDRADE e STORCH, 2015) proliferam-se nas cidades com a mesma velocidade que o medo é veiculado cotidianamente pelas grandes mídias. O *Circuito dos Afetos* mostra que as figuras da insegurança são estampadas em todas as manchetes para justificar, por um lado, o monopólio da

força do Estado que nos projete de nós mesmos ou mais precisamente dos afetos fabricados pelas sendas do medo (por exemplo, a discussão sobre a menoridade penal que desconsidera que a maioria absoluta dos crimes não são cometidos por jovens menores de idade). Por outro, as figuras da insegurança aprofundam a noção de indivíduo por meio da canalização da vida social para a esfera do privado, do carro, da casa, dos lugares de compra sempre protegidos por câmaras de segurança. Para se preservar a individualidade e com ela certa identidade (compreendida no modelo liberal apenas no seu sentido numérico) se esvazia a vida social e se refugia em condomínios; protegidos contra qualquer invasor não apenas de nossa propriedade, mas e sobretudo de nossa suposta identidade.

A lógica do *make your self* domina a ideologia liberal que nos leva à compreensão, neste ponto *Circuito dos Afetos* é preciso, de que o autogerenciamento é a resolução mais condizente com o tempo presente. O projeto de autonomia burguês é levado a cabo pelo capitalismo quando confere ao indivíduo, a partir das novas configurações do trabalho, a capacidade de decidir sobre si mesmo de modo análogo à empresa na qual ele trabalha. Indivíduo e corporação fundem-se, ainda segundo Safatle, na noção de que o gerenciamento da vida e das vidas é o fim último da política neoliberal. O sucesso da empresa e do indivíduo coincidem quando ambos realizam o propósito de otimizar as relações econômicas como se a liberdade se resumisse à decisão ou à escolha racional de potencializar os lucros. Somos livres, na lógica capitalista, para trabalhar mais e ocupar nosso tempo com mais trabalho. Somos livres para continuar fazendo o que sempre fizemos: trabalhar e aumentar a produção de bens, sempre em direção a um aumento da performance na produção. Contudo, a espoliação, agora, não é apenas materializada na forma da mais valia proposta por Marx. Ela definitivamente se inseriu no campo dos afetos. São os afetos que nos escravizam, na forma de uma submissão voluntária, ao sistema de produção capitalista.

Parte dessa sujeição à lógica do capital repousa em nosso desamparo, invariavelmente estrutural, que é colonizado por forças identitárias responsáveis por nos paralisarem com a promessa de que a autonomia é realização de um processo individual de autogerenciamento de si. O enraizamento no indivíduo dos problemas coletivos provoca um colapso na política que se entrega a decisões pessoais (como se uma moralidade pessoal definisse a qualidade da política), ao populismo superegóico (como se em detrimento de qualquer projeto de emancipação coletivo pudéssemos ter a nossa sorte depositada na figura de uma espécie de herói ou grande pai) e, por fim, a negação da política como construção coletiva de um projeto comum de bem estar social. Nesses termos, *Circuito dos Afetos* é aposta na hipótese de que “o desamparo é o afeto político central” (SAFATEL, 2015, p.122). Para aquele livro, a força do capitalismo está no seu manejo de nossos afetos.

### Pensando contra: questões abertas e ausências inexplicáveis

A nova forma de dominação daquilo que o *Circuito dos Afetos* chama de neoliberalismo é a colonização dos afetos por meio do gerenciamento do medo. No entanto, o livro praticamente não oferece uma definição conceitual ou filosófica do liberalismo ou liberalismos; dada a dificuldade de harmonizar obras como a Rawls e Nozick dentro da mesma moldura liberal. Ele se restringe a citar indiretamente M. Friedman (a quem chama de inimigo na página 44) e uma entrevista da dama de ferro (SAFATLE, 2015, p.195-196), mas no texto as referências aos teóricos liberais são praticamente inexistentes e não há, por conseguinte, uma definição muito clara do que seria uma posição liberal, nem muito menos neoliberal. Sem a discussão filosófica da posição liberal, resta uma compreensão pouco caridosa do inimigo que mesmo sem identificá-lo, o autor pretende combater.

A dificuldade de dialogar mais fortemente com posições que se mostram contrárias às teses sustentadas e algumas vezes pressupostas em *Circuito do Afetos* também é perceptível na tímida referência a uma ponto de discordância, que parece essencial no texto, em relação à própria compreensão da psicanálise. A discordância que o livro guarda no que diz respeito à obra de Jurandir Freire Costa é relegada a uma nota de rodapé (SAFATLE, 2015, p73 nota 57). O ponto é que Safatle parece discordar da leitura do desamparo de Jurandir Freire para quem, na estreia de Winnicott, o desamparo é consequência de falhas na construção dos espaços transicionais e não a condição primeira do homem. A discordância, que não é desenvolvida no texto, está pautada numa compreensão do desamparo que se pretende diferente da leitura conforme a qual o cuidado pode ser um sentimento responsável por acolher e lidar com o desamparo. Parece que Safatle associa o cuidado à tarefa, por assim dizer, paliativa. O cuidado seria nas palavras dele: "o balcão universal das reparações por danos sofridos" (SAFATLE, 2015, p.72), ao passo que ele propõe "compreender o desamparo como condição para o desenvolvimento de certa forma de coragem afirmativa diante da violência provocada pela natureza despossessiva das relações intersubjetivas e pela irreduzibilidade da contingência como forma fundamental do acontecimento" (SAFATLE, 2015, p.74). Neste ponto, *Circuito dos Afetos* novamente se furta a dar voz aos seus interlocutores termina por fazer uma caricatura do *care* tanto equivocada quanto injusta. Equivocada porque de modo nenhum a ética do cuidado opõe-se à emancipação, mas parte da compreensão de que o reconhecimento ou empatia quanto à vulnerabilidade humana, que é constituinte da nossa espécie, é o passo decisivo para transformar o desamparo num modo de luta contra as estruturas que forjam a nossa fragilidade por meio de mecanismo de opressão. Injusta porque longe de dar palavra aos autores que sustentam uma política do cuidado refugia-se numa crítica vaga à noção de *care*.

Por fim, *Circuito dos Afetos* porta um *ethos* negativo expresso na forma de uma crítica social ao *ethos* capitalista que seria responsável, de algum modo, pelo adoecimento das pessoas. De fato, é difícil

sustentar que decidimos sobre nossos afetos, mas o que acontece de modo grave é que decidem por nós nossos afetos. O termômetro disto seria, para Safatle, a depressão e outros transtornos psíquicos. Para corroborar a sua tese ele nos apresenta alguns dados, transcritos na seguinte passagem: "Os casos de depressão crescem, em média, 20% ao ano em países como os Estados Unidos, onde 9,1% da população sofre da doença, e representam, atualmente, a modalidade de sofrimento psíquico com maior impacto econômico" (SAFATLE, 2015, p.269). É notável que o aumento destes transtornos se relaciona com o DSM5 que aumenta o espectro da depressão e de outros transtornos psíquicos no intuito de colocar, paradoxalmente, diferentes processos de subjetivação num mesmo patamar patológico. O aumento da depressão não é o resultado da sociedade capitalista, como *Circuito dos Afetos* sugere, mas é mais uma das facetas do capitalismo no sentido de que revela o seu campo de atuação no exercício do domínio dos corpos. O capitalismo parece nos negar o sofrimento, algo que Nietzsche tinha diagnosticado quando se referia à tradição anterior mesmo ao capitalismo, a saber, o cristianismo. Isto é, não se trata de promover uma maior sofrimento, aqui cabe a pergunta: seria possível uma sociedade sem sofrimento?, mas de domesticá-lo na medida certa da indústria farmacêutica. O capitalismo propõe um elixir milagroso para o nosso sofrimento que no máximo gera o pior dos sofrimentos: que é vedar a possibilidade de tomada de consciência do nosso mal estar. Termina essa resenha perguntado, neste sentido, se a crítica social não deve ser também uma crítica econômica no sentido de resguardar alguma teoria da justiça. Se é importante destacar a circulação dos afetos, não menos importante é sublinhar ainda como a concentração econômica do capital determina a geografia dos nossos sentimentos.

### Referências

ANDRADE M. OLIVEIRA, É ; STORCH, A. . Por um urbanismo moral. *Insight Inteligência* (Rio de Janeiro), v. 7, p. 66-77, 2015.